

‘Terras da Nossa Terra’

Das ondas do rádio às colunas de jornal

‘Terras da Nossa Terra’

From Radio Waves to Newspaper Columns

ROBERTHA PEDROSO TRICHES RIBEIRO¹

<http://orcid.org/0000-0001-9368-3944>

¹Colégio Pedro II

Campo de São Cristóvão, 177, São Cristóvão, Rio de Janeiro, 20.921-903, Brasil
betha_triches@yahoo.com.br

RESUMO Este trabalho irá abordar a atuação do jornalista luso-brasileiro José Augusto Correia Varella no periódico *Voz de Portugal*, através da análise de sua coluna “Terras da Nossa Terra”. Por meio dela, esse imigrante português ajudou a divulgar o nome de Portugal no Brasil, exaltando a cultura portuguesa e fazendo defesa das relações histórico-culturais luso-brasileiras. Além disso, utilizou o seu espaço no jornal para difundir os valores estadonovistas, celebrando a cultura histórica própria do regime e a figura de Salazar, transformando-se em um agente de propaganda do Estado Novo português no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE imprensa, mediação cultural, Imigração Portuguesa

ABSTRACT This paper will examine the work of the Portuguese-Brazilian journalist José Augusto Correia Varella in the newspaper *Voz de Portugal*, through the analysis of his column *Terras da Nossa Terra*. Varella, a Portuguese immigrant, helped to spread the name of Portugal in Brazil through this column, exalting Portuguese culture and defending

Recebido: 03 ago. 2018 | Aceito: 20 ago. 2018

<http://dx.doi.org/10.1590/0104-87752018000300006>

Varia Historia, Belo Horizonte, vol. 34, n. 66, p. 699-727, set/dez 2018



Portuguese-Brazilian historical-cultural relations. In addition, he used his space in the newspaper to spread the values of the Estado Novo, celebrating the regime's own historical culture and the figure of Salazar, becoming a propaganda agent for the Portuguese Estado Novo in Brazil.

KEYWORDS press, cultural mediation, Portuguese Immigration

O imigrante português José Augusto Correia Varella chegou ao Brasil em 1913, com 21 anos de idade, e instalou-se na cidade do Rio de Janeiro, permanecendo na mesma até a sua morte, em 1953. Na então capital federal, ele se envolveu com uma série de práticas culturais, com destaque para a sua atuação como poeta, ator, dramaturgo, jornalista e letrista, desenvolvendo, portanto, uma sólida atividade intelectual no país. Neste artigo, no entanto, iremos analisar especificamente o seu trabalho como jornalista, dando ênfase nos seus últimos anos de vida no Brasil.

Dentre os vários periódicos em que Correia Varella trabalhou, *Voz de Portugal* foi aquele para o qual contribuiu por mais tempo, permanecendo como redator do mesmo entre o início de 1939 e junho de 1953. Fundado em 11 de abril de 1936, pelo jornalista João Chrysóstomo Cruz, e publicado até o ano de 2016, nesse caso já em versão virtual, *Voz de Portugal* era um jornal diário, composto por aproximadamente 14 páginas e tendo como subtítulo “Pela Pátria de Ontem, de Hoje e de Amanhã”. Além de redator, Varella manteve nesse periódico uma coluna fixa chamada “Terras da Nossa Terra”. Não podemos precisar a data certa em que ela foi criada, uma vez que não tivemos acesso ao periódico no intervalo de tempo que vai de 1942 a 1946.¹ Sabemos apenas que, em 1941, ela ainda não existia, mas em 1947 já estava lá, figurando geralmente na página 5 ou 7 do jornal.

1 No acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro os números disponíveis para consulta do jornal *Voz de Portugal* compreendem o período de 1936 a 1941, pulando em seguida para o ano de 1947.

Essa coluna, originalmente, constituía-se em um programa de rádio criado por Varella na emissora carioca Vera Cruz.² Na verdade, fazia parte de um programa maior, sob a responsabilidade de Joaquim Pimentel: o “Programa dos Astros”. Joaquim Pimentel, ator, poeta, cantor e compositor português, um dos grandes intérpretes da música popular portuguesa no Brasil, era amigo de longa data de Varella, tendo participado com ele de algumas peças teatrais no Rio de Janeiro. Desde 1942, aos domingos, Pimentel apresentava um programa de música portuguesa na Rádio Vera Cruz, das 12 às 15 h, sendo que às 14h Correia Varella assumia o microfone e dava início às descrições históricas das terras portuguesas, passando por lugarejos, monumentos, personagens, instituições, lendas, festas, tradições e costumes portugueses.

Não fora essa a primeira passagem de Varella pelo rádio no Brasil. Em 1933, de acordo com a propaganda da emissora publicada na imprensa, ele falava nos intervalos da Rádio Clube do Brasil.³ Em 1935, ele foi diretor do programa de música portuguesa “Trindades de Portugal”, transmitido às quartas-feiras pela Rádio Educadora do Brasil.⁴ E, em 1939, era locutor e diretor do programa “Revelações Portuguesas”, na Rádio Vera Cruz, irradiado às segundas-feiras durante o Programa Português de Carlos de Campos e Pereira Bastos. “Revelações Portuguesas” era um programa de calouros que fazia muito sucesso no Rio de Janeiro. Nele eram escolhidos os novos e melhores intérpretes da música portuguesa, independente da sua nacionalidade. Sua boa repercussão fez com que, por diversas vezes, fosse realizado no Teatro República, em uma espécie de recital, diante de um amplo público e contando tanto com a participação dos calouros como de artistas já consagrados na música portuguesa.⁵

2 Vera Cruz foi uma rádio católica, implantada no Rio de Janeiro em 1936, tendo sido sucedida pela Rádio América.

3 *Diário Carioca*, 6 jul. 1933, p.7. Só não conseguimos descobrir o conteúdo das falas.

4 *Beira Mar*, 7 set. 1935, p.7; *Diário Carioca*, 2 out. 1935, p.12.

5 *Jornal do Brasil*, 28 jul. 1939, p.15; *Jornal do Brasil*, 15 ago. 1939, p.14; *Jornal do Brasil*, 9 set. 1939, p.13

Esse tipo de programa se tornou muito comum nas rádios a partir dos anos 1930, um período em que a programação começou a se diferenciar bastante da predominante nos anos 1920, quando foi então instalada no Brasil a primeira rádio: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Edgar Roquette-Pinto e Henrique Morize, em 1923. Para seus fundadores, o papel do rádio deveria ser eminentemente educativo, um instrumento de irradiação de cultura para os cidadãos, uma ferramenta “civilizadora”. Mas o que compreendiam como cultura estava ligada à ideia de uma “cultura erudita”, refletindo diretamente no tipo de programação apresentada pela Rádio Sociedade e pela maioria das rádios que surgiriam na década de 1920 sob sua influência: informações científicas e econômicas, conferências, poesia, música clássica. O rádio deveria ser o porta-voz da cultura letrada e um dos símbolos do progresso científico-tecnológico.

Na década de 1930, o perfil do rádio no Brasil começa a sofrer transformações, a começar pelo fato de, a partir de 1932, com o Decreto nº 21.111, ter sido permitida a veiculação de publicidade, dando-lhe um caráter comercial. Além disso, a publicidade também contribuiu para o surgimento de novas emissoras, pois se tornava uma outra possibilidade de manutenção das mesmas, já que na década de 1920 as rádios, em sua maioria, eram mantidas pelos associados que faziam contribuições financeiras. Segundo Sônia Jorge, nas primeiras emissoras criadas, as pessoas que formavam o grupo dos mantenedores das associações eram as mesmas que administravam as emissoras, demonstrando o amorismo do empreendimento (Jorge, 2012). Além do alto valor dos aparelhos, que ainda não eram fabricados no Brasil, os grupos tinham que pagar uma taxa para poder possuir o receptor.

A partir da década de 1930, o rádio vai se popularizando no Brasil, primeiro em razão do crescimento do número de emissoras, depois devido ao aumento do número de ouvintes. Isso se deve muito ao barateamento dos aparelhos de rádio, pois esse mercado foi se adequando à expansão das emissoras, levando ao aparecimento de um comércio mais sistemático de aparelhos. Nesse sentido, empresas comerciais de grande porte, bem como lojas de pequeno comércio em cidades do interior,

passaram a oferecer uma grande variedade de aparelhos e peças avulsas para a montagem de receptores, permitindo que um maior número de pessoas tivesse acesso ao rádio no país.

Outra mudança verificada no rádio, na década de 1930, foi o fato do projeto educativo-cultural de Roquette-Pinto ter sido, aos poucos, substituído por um projeto mais comercial, empresarial, em que o rádio passa a oferecer ao público, principalmente, entretenimento. Essa nova concepção do papel do rádio na sociedade vai interferir diretamente no tipo de programação ofertada. Nesse sentido, ganha destaque a divulgação de músicas populares, programas humorísticos e esportivos, noticiários, concursos de calouros, programas de auditório com a participação de orquestras e conjuntos musicais, transmissão de radionovelas, entre outros. Além de mudanças na programação, a própria linguagem do rádio sofre alterações, tornando-se mais simples e compreensível por grande parte da população.

Essa popularização do rádio no Brasil, bem como as mudanças sofridas por sua programação, continuou de forma acelerada nas décadas de 1940 e 1950, a ponto delas serem caracterizadas pela bibliografia de “a era de ouro” do rádio.⁶ É o período dos grandes programas de auditório ao vivo, com a presença de shows musicais, espetáculos de teatro, circos, concursos à base de sorteios, animadores, conjuntos regionais, humoristas e mágicos. É a época também da organização dos fã-clubes, que se reuniam e acompanhavam os seus cantores favoritos nos programas de auditório, como ficaram conhecidas as disputas entre os fã-clubes das cantoras Marlene e Emilinha Borba, por exemplo.

As emissoras de rádio apostaram assim na variedade temática de seus programas, a fim de atender aos diversos grupos de ouvintes. Nesse processo ganharam muito destaque os programas voltados para a temática e para o público português, e não só na capital federal. Se passarmos os olhos pelas páginas dos jornais da época, onde eram divulgadas as programações completas de cada emissora, podemos notar a grande quantidade de programas voltados para as colônias portuguesas. Entre

6 Cf. CALABRE, 2004.

eles estavam: “A Hora da Saudade” (Rádio Vera Cruz), “Trindades de Portugal” (Rádio Educadora do Brasil), “Duas Pátrias” (Rádio Vera Cruz), “Voz Traço de União” (Rádio Educadora do Rio de Janeiro), “Saudades de Portugal” (Rádio Atlântica), “Horas Portuguesas” (Rádio Mayrink Veiga), “Saudades de Além Mar” (Rádio São Paulo), “Aquarelas Portuguesas” (Rádio Mayrink Veiga), “Melodias Portuguesas” (Rádio Cosmos), dentre muitos outros.

Eulália Lobo mostra que, no início da década de 1960, havia quarenta programas de rádio luso-brasileiros sendo transmitidos no Rio de Janeiro, com destaque para as rádios Imprensa FM, Metropolitana, Rio de Janeiro, Mundial, Capital, Guanabara, Manchete, Nacional, Tamoio e Tupi, que juntas perfaziam uma programação de oitenta e cinco horas semanais (Lobo, 2001, p.267). Muitos desses eram patrocinados por comerciantes e empresários portugueses. Heloísa Paulo revela, por exemplo, que a primeira música criada para um anúncio radiodifundida no Brasil era um fado, encomendado por um comerciante português que desejava anunciar o seu estabelecimento. Tendo sido levado ao ar na Rádio Phillips do Rio de Janeiro, em 1932, o fado, em estratégia de marketing, dizia: “O padeiro desta rua, tenha sempre na lembrança, não me traga outro pão, que não seja pão Bragança”⁷.

Além disso, segundo a autora, o rádio, na frequência de ondas curtas, possibilitava o contato direto dos imigrantes com as emissões da Emissora Nacional (Paulo, 2000, p.206). Em 1936, por exemplo, a programação da Rádio Colonial, emitida a partir de Lisboa, podia ser ouvida no Rio de Janeiro às terças, quintas e sábados, das 17 às 19 horas. Em contrapartida, a Rádio Transmissora Brasileira levava o seu programa “A Voz da Raça” até as possessões ultramarinas portuguesas.

Esses programas, além de oferecerem notícias atualizadas de Portugal para seus ouvintes, difundiam a cultura portuguesa, com descrições de suas tradições, festas religiosas, crônicas sobre as aldeias, folclore, celebração de datas históricas e, principalmente, música popular portuguesa. Carregados de um discurso patriótico e nacionalista, promoviam

7 Rádio Phillips, Rio de Janeiro, 1932 apud PAULO, 2000, p.205.

o enaltecimento de uma pátria idealizada, e ajudavam a diminuir um pouco a saudade “da terrinha”. Como bem definiu Correia Varella, nas páginas de *Voz de Portugal*, “as canções transmitidas pelos programas portugueses são bem o sino da aldeia de cada um a bater no coração de todos nós”⁸

Eram várias as opções oferecidas às colônias de portugueses no Brasil, com programações semanais e/ou diárias que chegavam a durar cerca de três horas. A alta popularidade desses programas é atestada tanto pelo longo tempo em que algumas atrações permaneceram no ar, com alguns programas chegando a durar mais de quarenta anos; como pela repercussão entre os ouvintes, que escreviam cartas para os jornais exaltando seus programas favoritos, além de participar de concursos e comparecer aos programas de auditório para torcerem para seus artistas prediletos.

Assim como ocorrera com artistas e intelectuais brasileiros, após a criação do rádio, o sucesso de programas voltados para os portugueses acabou abrindo um espaço muito importante para vários artistas e intelectuais portugueses no Brasil. Além do teatro e da imprensa, o rádio também foi um lugar que abrigou muitos imigrantes portugueses, o que mais tarde seria observado também na televisão, pois alguns programas de rádio que haviam feito sucesso em décadas anteriores vão ter, a partir dos anos 1960, seu formato transferido para a TV. Nesse sentido, podemos afirmar que o rádio também se transformou em um espaço de reconhecimento dessa intelectualidade luso-brasileira, pois, muitos portugueses saídos dos palcos e da mídia impressa vão ter suas carreiras consagradas a partir de sua inserção na mídia falada.

Joaquim Pimentel, fundador do programa de rádio em que Correia Varella fazia as suas descrições de “Terras da Nossa Terra”, é um exemplo claro. Nascido no Porto, em 1910, transferindo-se mais tarde para Lisboa, ainda muito jovem tornou-se ator e cantor, trabalhando em vários teatros e interpretando principalmente fados e tangos.⁹ Em 1934, ele era

8 *Voz de Portugal*, 1 mai. 1949, p.5.

9 As informações a respeito da trajetória profissional de Joaquim Vianna Pimentel foram retiradas de: MATARAZZO, 2017, p.63-64.

o galã e fadista da companhia teatral “Embaixada do Fado”, viajando com o grupo para o Rio de Janeiro para apresentação de uma revista no Teatro República. Lá, após ser assistido por Carmen Miranda, foi levado pelas mãos da cantora para a Rádio Mayrink Veiga, emissora da qual era contratada, tomando parte no programa “Horas Portuguesas”. Após o sucesso na rádio, Pimentel não retornou para Portugal. Gravou, em 1935, o seu primeiro disco no Brasil, com fados de sua autoria, o que seria seguido por muitos outros sucessos. Passou depois pela Rádio Nacional, Rádio Ipanema e, finalmente, Rádio Vera Cruz, onde criou o “Programa dos Astros”, que foi ao ar pela primeira vez em 17 de outubro de 1942.

Esse programa, voltado para os ouvintes portugueses e seus descendentes, foi o que por mais tempo durou no Brasil. Mesmo após a morte de Joaquim Pimentel, em 1978, o “Programa dos Astros” continuou a ser radiodifundido pela Rádio Bandeirantes, tendo como apresentadores os fadistas Antônio Campos e Hélia Costa. Ele só foi retirado do ar no de 2010, por falta de patrocínio. Irradiado ao vivo, aos domingos, no estúdio da Rádio Vera Cruz, em formato de programa de auditório, o “Programa dos Astros” ajudou a revelar grandes nomes da música portuguesa no Brasil, como Adélia Pedroso, Sebastião Robalinho e Antônio Campos, sendo muito popular. Além de sua longa atuação no rádio, Pimentel também participou do filme *Bonequinha de Seda* (1936), produzido pela Cinédia e dirigido por Oduvaldo Viana, e de programas televisivos sobre a cultura portuguesa. Entre eles e com destaque, “A Casa do Casemiro”, na TV Continental do Rio de Janeiro, em 1968, do qual era apresentador (Boscarino Junior, 2011, p.144).

Assim como Joaquim Pimentel e José Augusto Correia Varella, outros artistas e jornalistas portugueses também circularam no Brasil pelas diferentes mídias existentes em sua época. Esse trânsito era muito comum, tal como ocorria entre os brasileiros, sendo que cada mídia ajudava a divulgar a outra, dando visibilidade a quem delas se utilizava. No caso de Varella, por exemplo, a sua atuação no rádio ajudava a popularizar o seu trabalho de jornalista nos periódicos da colônia, e esses, por sua vez, contribuía para propagandear a sua carreira de comediógrafo no Brasil. A circulação desses artistas luso-brasileiros por diferentes

atividades e pelos diversos espaços da mídia também contribuía para promover a cultura portuguesa e para propalar o nome de Portugal no Brasil. Ainda mais quando uma mesma mensagem era divulgada em duas mídias diferentes, como ocorria com “Terras da Nossa Terra”, o que, provavelmente, fazia com que ela chegasse a um público mais amplo e variado. Nesses casos, geralmente, o que ocorria era o rádio alcançar, de imediato, um público muito maior; mas como o programa era publicado no jornal, permitia-se o acesso posterior ao texto e, até mesmo, sua manutenção, no caso de o leitor se interessar em guardá-lo. O texto escrito do jornal materializava a fala do rádio, rápida e atraente, dando a ela estabilidade e duração, mas sem perda da linguagem oral.

Como nós só tivemos acesso à coluna do jornal, todas as considerações que iremos fazer em seguida são baseadas na leitura da mesma. No entanto, é muito importante lembrarmos de que o programa de Joaquim Pimentel, em que Varella fazia as suas descrições, era ao vivo e tinha plateia, o que, com certeza, interferia na fala do autor, além do próprio fato de se tratar de duas mídias diferentes, o que, por si só, já causa um impacto no formato do texto. Acrescente-se a essa ideia o fato de que, pelo menos a partir de 1947, Correia Varella publicava a coluna no jornal *Voz de Portugal* uma semana após a sua radiodifusão, ou seja, no domingo seguinte, já tendo passado pelo crivo dos ouvintes, o que, com certeza, incluía o recebimento de comentários e sugestões, e possíveis ajustes para impressão.¹⁰

USOS DO PASSADO E A PROPAGANDA DO ESTADO NOVO PORTUGUÊS

Publicada sempre na 5ª ou 7ª página do jornal, ocupando geralmente metade ou mais da página, a coluna fixa de Varella possuía uma estrutura bem marcante, que foi mantida até o seu encerramento. No seu topo, em destaque, vinha o nome do Concelho e/ou lugarejo que seria

10 Nessa época o jornal *Voz de Portugal* já tinha se transformado em um semanário, publicado sempre aos domingos.

descrito; abaixo, uma espécie de subtítulo com algumas informações que seriam destacadas no texto; e sempre acompanhadas de uma ou mais fotografias e/ou ilustrações da região narrada ou de qualquer elemento a ela relacionado. Havia também uma espécie de padrão no texto: de início, abordava-se a origem e o significado do nome de tal lugarejo, seguida da origem histórica da região; identificava-se, depois, a qual Concelho pertencia, o nome de todas as freguesias do Concelho, a sua distância em relação às principais cidades e as mudanças em seu status devido às reformas administrativas em Portugal. Em seguida, destacavam-se algumas características físicas e demográficas da região e suas mais importantes atividades econômicas; descreviam-se suas principais construções, monumentos e festividades; narrava-se algumas de suas passagens históricas e/ou lendárias, especialmente se associadas a algum personagem heroico; e, por fim, elencavam-se os principais melhoramentos por que passara nos últimos anos tal região.

Como podemos perceber, tratava-se de uma coluna essencialmente pedagógica, uma forma de ensinar história e geografia de Portugal para os leitores, situando sempre o espaço português no tempo. Para tal, Correia Varella utilizava-se da linguagem culta, recorrendo em seu texto tanto à descrição quanto à narração. É provável que durante o programa de rádio ele também se utilizasse da dramatização, fazendo emergir assim a sua formação de ator. Mas apesar do uso da norma culta, muitas vezes ele estabelecia em seu texto um diálogo livre com os seus leitores e ouvintes, respondendo a perguntas e pedidos, comentando algumas cartas recebidas e solicitando o envio de fotografias das regiões que lhe pediam para retratar, prática que deveria ser ainda mais comum em suas descrições pelo rádio.

Apoiando seu texto em documentos oficiais (decretos-lei, estatutos, ofícios, certidões, etc.), em autores da historiografia e da literatura portuguesa (João Ameal, Alexandre Herculano, Aquilino Ribeiro, Guerra Junqueiro, Camilo Castelo Branco, etc.), em dicionários, enciclopédias e outras obras de referência, Correia Varella atuava como um mediador cultural, na medida em que, como bem definiu Giovane Silva, colocava-se como um “facilitador da leitura”, traduzindo a história e a geografia

de Portugal para seus leitores e ouvintes (Silva, 2016, p.303). No entanto, não era qualquer história aquela ensinada por ele através da sua coluna de jornal e pelas ondas do rádio. Tratava-se de uma história patriótica, nacionalista e épica, construída por grandes heróis, guerreiros e navegadores; enfim, por “conquistadores”. Nomes como o de Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, D. Nuno Álvares Pereira, Luís Vaz de Camões, Gago Coutinho, Sacadura Cabral, D. João I (Mestre de Avis), D. João II, D. Afonso Henriques, entre outros, sempre apareciam de alguma forma relacionados às descrições das terras portuguesas.

Em maio de 1953, por exemplo, Varella usa a sua coluna para exaltar a Batalha de Aljubarrota e relacioná-la às conseqüentes mudanças territoriais e políticas sofridas por Portugal. Dedicava-a à leitora Teresa Batista, que lhe enviara uma carta, e para quem, em suas próprias palavras, ele daria “mais uma lição de História Pátria”.¹¹ Também enfatiza que, em razão da ausência de um compêndio de história de Portugal na escola de sua leitora, usaria uma linguagem de “mestre escola” para que ela o compreendesse melhor, revelando, deste modo, ser ela uma estudante. Inicia então a descrição sobre a batalha, ocorrida em 14 de agosto de 1385, quando as tropas portuguesas, comandadas pelo rei D. João I de Portugal e pelo guerreiro D. Nuno Álvares Pereira, venceram as tropas castelhanas lideradas por D. Juan I de Castela, tornando Portugal um Reino independente. Dando detalhes que demonstravam ter sido D. Nuno Álvares Pereira o verdadeiro herói da “libertação portuguesa” e transformando a batalha em uma verdadeira saga, o autor passa a exaltar outros feitos e personagens da história de Portugal, como o Infante Dom Henrique, considerado um dos personagens mais importantes do início da era das descobertas portuguesas, e conclui desta forma:

Agora pergunto: seria possível tudo isto, inclusive a descoberta da América, sem o Infante D. Henrique, o maior de todos os navegadores, porque foi o idealizador de todas as descobertas? E o Infante D. Henrique teria sido possível sem D. João I? E D. João I teria sido possível sem a

¹¹ *Voz de Portugal*, 10 mai. 1953, p.5.

vitória de Aljubarrota? Logo a batalha de Aljubarrota é o prólogo das origens do Brasil e é o início da sua História. Confirmaram-se as palavras de Cristo a D. Afonso Henriques na batalha de Ourique: “Quero fundar em ti um reino e por ele espalhar a minha doutrina por toda a parte. E do teu reino hão de nascer outros reinos”.¹²

Correia Varella termina assim o seu texto associando a Batalha de Aljubarrota às origens do Brasil, que, pelo que compreendemos, parece ser o local de moradia de sua leitora. Além disso, retoma uma passagem mítica da história da Batalha de Ourique (1139), quando as tropas de D. Afonso Henriques, outro importante herói do panteão português, vence o contingente mouro. A lenda, que começaria a ser difundida somente no século XIV, narra que no dia da vitória sobre os mouros, Afonso Henriques teria recebido a visita de Jesus Cristo, o qual teria lhe garantido a vitória. Dessa forma, a independência de Portugal passaria a ser vista como resultado de um dom divino na luta contra os infiéis. Varella relembra aos seus leitores tal história a fim de confirmar ser Portugal um país “predestinado”, um formador de civilizações.

Esse é somente um dos exemplos, dentre vários, de como Varella mobilizava e investia em uma sistemática narrativa da história de Portugal, que envolvia fatos “reais” e lendários, através da qual ele promovia a “elevação da pátria”. A constante repetição de algumas palavras, como “monumentos históricos”, “antiguidade”, “tradição”, “homens ilustres”, “nacionalidade”, “lendas”, “folclore”, “reliquias”, “milagres”, davam também o tom dessas narrativas. Nesse sentido, e seguindo aqui as discussões de Ângela de Castro Gomes, podemos dizer que a sua coluna estava completamente imersa na cultura histórica do Estado Novo português (Gomes, 2007). Para a autora, a cultura histórica compreenderia as diferentes possibilidades de leitura do passado — histórico, mítico, ou ambos — que conotam positiva ou negativamente períodos, personagens, eventos e textos referenciais. Essa leitura também envolveria um “enredo”, uma narrativa do próprio passado. O conceito nos permitiria assim entender

¹² *Voz de Portugal*, 10 mai. 1953, p.5.

melhor o quê especificamente os homens consideraram seu passado e que lugar, espaço e valor lhes destinam em determinado momento.

Tal como a autora aponta em seu texto para o caso do Estado Novo no Brasil, em Portugal também se observou uma política governamental de recuperação do passado nacional, dirigida explicitamente para o enquadramento da memória nacional (Gomes, 2007, p.50). Ainda que esse processo tenha sido resultado da atuação de diversos agentes sociais, devemos destacar a ação fundamental do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), órgão criado em 1933, dirigido pelo intelectual português Antônio Ferro.¹³ Ele foi responsável por desenvolver um projeto de política cultural para o Estado Novo, além de coordenar a imprensa do regime, dirigir os serviços de censura e organizar as manifestações públicas e oficiais, possibilitando assim a propaganda do regime e a difusão do salazarismo.

De acordo com a historiografia portuguesa, o Estado Novo, apesar de extremamente crítico ao século XIX e à Primeira República, vai se apropriar de alguns símbolos e de uma determinada narrativa histórica que começaram a ser construídos mais especificamente com o Romantismo, ainda na primeira metade do século XIX. No entanto, promoverá mudanças nesse modelo, em consonância com o pendor ainda mais nacionalista, católico e corporativo de sua ideologia. Daí falar-se em um novo projeto cultural. Depois de “séculos de decadência”, o novo governo pretendia ser uma nova ordem, apresentando-se como um Estado Novo, dando início então à construção de um Novo Portugal. Nesse sentido, como afirmou Fernando Catroga, “toda a sua simbologia procurava veicular imagens tendentes a aurear o regime como se este fosse a culminação apoteótica do Império, isto é, do próprio sentido da história de Portugal” (Catroga, 2005, p.128). Ou seja, enquanto no final

13 Antônio Ferro (1895-1956) foi uma figura de grande importância no cenário intelectual/cultural português do século XX. Como jornalista, foi editor da revista *Orpheu*, dirigiu a revista *Ilustração Portuguesa* e fundou a revista *Panorama e Atlântico*, além de contribuir para diversos periódicos como *O Século* e *Diário de Notícias*. Grande admirador do fascismo italiano, foi responsável pela criação do Secretariado de Propaganda Nacional durante o Estado Novo português, sendo um verdadeiro entusiasta do salazarismo.

do século XIX e início do XX buscava-se a refundação do passado de Portugal, dado que o presente estaria marcado pelo decadentismo, pela humilhação diante do estrangeiro e pela crise das instituições políticas, sociais e culturais portuguesas; o Estado Novo utilizaria o passado como inspiração, pois a sua grandeza continuaria sendo perpetuada no presente e o governo de Oliveira Salazar seria a grande finalização desse processo, que apontava o futuro.

Nesse sentido, o Estado Novo “comemorava” o passado, usando o termo de Catroga, como sendo o maior símbolo do nacionalismo português. Dessa forma, escolhia seus heróis, principalmente os medievais e os dos “descobrimentos” (D. Afonso Henriques,¹⁴ D. Nunes Álvares Pereira,¹⁵ Infante D. Henrique,¹⁶ Camões¹⁷), bem como suas datas preferidas (“10 de junho”, “14 de agosto”, “1º de dezembro”). Ao mesmo tempo, seu projeto cultural procurava promover uma verdadeira restauração dos valores da “tradição”, entendida como o Portugal profundo e verdadeira alma portuguesa. Como demonstrou Antônio Costa Pinto (2004, p.11-50), o SPN investiu principalmente em um movimento etnográfico-cultural, dando atenção e mesmo apoio a grupos folclóricos locais, costumes regionais, festas religiosas, entre outras manifestações e símbolos que o Estado Novo vai retomar, transformar ou “inventar como tradição” (Hobsbawm; Ranger, 1984, p.9). Há, nesse sentido, uma

14 Segundo Fernando Catroga, o Estado Novo não somente manteve o mito de D. Afonso Henriques e o discurso da veracidade do Milagre de Ourique, como também intensificou a campanha tendente a santificá-lo. CATROGA, 2005, p.150.

15 Além de investir muito nas comemorações públicas à sua figura, o Estado Novo o escolheu como padroeiro da Mocidade Portuguesa e da Legião Portuguesa, agrupamentos paramilitares e nacionalistas criados na década de 1930, segundo os modelos nazifascistas. CATROGA, 2005, p.153.

16 Ainda de acordo com Catroga, depois de Camões, o Infante D. Henrique foi o herói mais realçado pelo Estado Novo. Por ter sido cavaleiro da Ordem de Cristo, a sua evocação possibilitava a recatolização da heroicidade cívica e da explicação da gênese dos “descobrimentos” por causas religiosas. CATROGA, 2005, p.153.

17 Durante o Estado Novo, a data provável da morte de Camões, 10 de junho, foi transformada em feriado nacional, como sendo, conjuntamente, o Dia da Raça portuguesa, de Portugal e de Camões.

tentativa de conformação e divulgação de normas e valores que deveriam ser apreendidos pela sociedade como próprios da identidade nacional portuguesa, principalmente se relacionados às tradições populares.

Dessa forma, podemos dizer que o Estado Novo aliou a recuperação de uma história épica portuguesa à valorização da “cultura popular” como um projeto de construção de uma nacionalidade, que abarcava igualmente os portugueses que se encontravam fora de Portugal. Tudo isso — o que incluiu também uma política de enquadramento da memória nacional —, visava valorizar as ações do regime no presente, mas apontando para o futuro. E é justamente a esse projeto político-cultural que “Terras da Nossa Terra” vai se associar e ajudar a divulgar.

Para além do resgate desse passado mais monumental e heroico de Portugal, a coluna de Varella também investiu nas tradições populares portuguesas, predominando um discurso regionalista, de valorização de suas aldeias e de seu caráter rural. Nas descrições, havia sempre referências às tradições locais, às festas religiosas, às romarias, aos costumes agrícolas. Todo ano, por exemplo, ele dedicava sua coluna à celebração da Vindima, época da colheita da uva em Portugal, geralmente realizada em ambiente familiar. Um período comemorado pelo país com festas, pois a partir daí seria produzido o vinho do ano. As romarias e festas religiosas também mereciam grande atenção, principalmente as dedicadas a Santo Antônio, São João e, claro, a Nossa Senhora de Fátima, momento em que Correia Varella mais dava a ver seu sentimento nostálgico. Como podemos observar, por exemplo, no texto reproduzido abaixo, intitulado “Riomeão — as suas tradições e o seu progresso”, em que ele descreve a romaria de Santo Antônio e São Tiago, a maior da freguesia de Riomeão:

[...] Ontem, dia 26, realizou-se o primeiro grande arraial, véspera da festa, apreciando-se os belos fogos apresentados pelos pirotécnicos de Travanca, [...] duas bandas de música [...] animam o arraial com o seu repertório magnífico e variado; a iluminação no largo é deslumbrante e em volta dos coretos e à sombra dos frondosos sobreiros, também iluminados e pelas ruas circunvizinhas, os ranchos com seus bailados e

descantes regionais, dão ainda maior alegria ao entusiasmo que se vê por toda a parte; ouvem-se palmas aplaudindo os fogos de maior fantasias, os ranchos que melhor se apresentam, as melhores peças de música e os desafios improvisados à maneira do Chico Cantador. Hoje, domingo, realiza-se a festa da igreja, com a sua Missa Cantada, [...] e à tarde, a tradicional procissão rica e vistosa que percorre as principais ruas da freguesia, com seus lindos e grandes andores, o de Santo Antônio, o de São Tiago, o de Nossa Senhora e muitos, muitos anjinhos [...]. Que linda que está a procissão deste ano! À noite repete-se o arraial e amanhã, terceiro e último dia das festas, há novos folguedos durante o dia e à noite, o arraial do encerramento. [...] Durante estes três dias, é grande também o movimento comercial, tornando-se notável a venda das regueifas. Ai as regueifas! Quem não se recorda, quem não tem saudades das regueifas saborosas da tia Maria Coelho, que até lhe chamavam a tia Maria das regueifas, ou da tia Maria de Ornelas, as duas regueifeiras mais afamadas? Aquilo é que eram regueifas, e então molhadas naquele bom vinho da região, dentro das tigelas, era de comer e chorar por mais.¹⁸

Svetlana Boym, em *The Future of Nostalgia*, define o termo nostalgia como “um anseio por uma casa que já não existe ou nunca existiu, [...] um sentimento de perda e deslocamento, mas também um romance, uma fantasia pessoal” (Boym, 2001, p.xiii). Esse sentimento nos atormentaria justamente pela sua ambivalência fundamental, ou seja, por tratar-se da repetição do irrepetível, da materialização do que é imaterial, de algo que nunca mais será como fora antes.¹⁹ No entanto, não se trata somente de um desejo ou de uma saudade de um lugar, ou de um “lar” (*home*), como a autora mesmo diz, mas também de um anseio por um outro tempo, que o nostálgico deseja visitar como se esse fosse

18 *Voz de Portugal*, 3 ago. 1947, p.5.

19 Boym também define dois tipos de nostalgia diferentes, a que ela chama de “nostalgia restauradora”, ou seja, aquela que tenta de forma ingênua e conservadora restaurar no presente um passado, pois seria a cura para todos os males; e a “nostalgia reflexiva”, que, centrada na perda, tem consciência da impossibilidade de se restaurar o passado, sendo, portanto, crítica. BOYM, 2001, p.55.

espaço. Quando Correia Varella fala das regueifas da festa de Santo Antônio, por exemplo, ele está se referindo na verdade a um tempo vivido em Portugal, cuja memória reforça os sentimentos desse passado, fortalecendo a criação de vínculos com o mesmo. Por mais que, um dia, ele volte a comer as regueifas da Tia Maria Coelho ou da Tia Maria de Ornelas, elas jamais serão com as da sua infância.

Diversos textos publicados por Varella em sua coluna carregam esse tom nostálgico, inclusive quando descreve lugares que ele próprio nunca conheceu, corroborando assim o que nos diz Svetlana Boym. A autora também aponta para uma característica e valor desse sentimento nostálgico, quando afirma que ele é passível de ser compartilhado e tem a capacidade de unificar indivíduos, já que aciona memórias afetivas, vividas diretamente ou não. Podemos aplicar essa ideia principalmente às descrições que Varella faz solicitadas não por portugueses, mas por seus filhos, já nascidos no Brasil. São vários os casos em que leitores escrevem pedindo um relato histórico sobre a terra de nascimento de seus pais. São pessoas que, provavelmente, nunca pisaram em Portugal, mas que por ouvirem seus pais falando, por serem criadas dentro de uma família e de uma cultura luso-brasileira, compartilham dessa saudade, dessa nostalgia, desse desejo de visitar suas “verdadeiras origens”.

Durval Junior, por exemplo, ao abordar a trajetória de vida do poeta e professor português Antônio Corrêa d’Oliveira e relacioná-la à forma como sua obra aciona e ensina história para seus leitores, mostra que os sujeitos ao aprenderem e apreenderem o passado mantêm com ele não apenas uma relação racional, mas também uma relação emocional, afetiva, que é resultado das próprias condições sociais e pessoais em que se fez esse aprendizado (Albuquerque Junior, 2013, p.149-174). Nesse sentido, muito próximo do que Boym afirma, o autor defende que é possível ensinar e aprender a sentir saudade de um passado, um processo que envolve tanto a criação de formas de se explicar esse passado quanto a formação de uma dada sensibilidade histórica. Processo esse que não está restrito ao ensino escolar, mas que pode ser verificado também nos meios de comunicação, nas relações familiares, na literatura, na música, ou seja, através de vários suportes e de diferentes pedagogias.

E o autor faz isso a partir do exemplo de António Corrêa d'Oliveira, mostrando como o sentimento saudosista, nostálgico, presente em sua obra foi resultado de um longo processo de aprendizado, de educação da sua consciência histórica, ocorrido tanto no ambiente escolar como nas experiências, individuais e sociais, que ele teve ao longo da vida. De aprendiz, António Corrêa d'Oliveira se transformou, quando adulto, em um professor dedicado a ensinar aos portugueses como deveriam sentir saudade e do que deveriam sentir saudade. Para isso, utilizava-se tanto de fatos históricos quanto lendários, desenvolvendo um discurso ufanista e de restauração do passado português, um passado monárquico, cristão, de conquistador e desbravador de mundos, de destino messiânico, em que, na opinião do poeta, habitaria a “verdadeira alma portuguesa” (Albuquerque Junior, 2013, p.170-171).

Correia Varella também sabia explorar muito bem esse sentimento nostálgico, apresentando aos seus leitores um ideal de portuguesismo, oferecendo-lhes modelos cívicos e morais. Fazia isso descrevendo um passado monumental, do qual todos deveriam se orgulhar, contribuindo assim para a construção de uma identidade portuguesa entre os imigrantes e seus descendentes, e, conseqüentemente, para um sentimento de unidade do grupo.²⁰ Podemos dizer, dessa forma, que Varella fazia em sua coluna “uso político” do passado, organizando as formas de lembrança e dando a seus leitores verdadeiras “lições de nacionalismo”. Estes, apesar de estarem “fora” da pátria portuguesa, também eram “bons portugueses”, capazes de cultivar e disseminar essa memória histórica aos quatro cantos do mundo, pois eram tidos indistintamente como a base da própria nacionalidade portuguesa.²¹

20 Para Michael Pollak, a memória é um elemento constituinte da identidade, tanto individual quanto coletiva, uma vez que ela é um fator fundamental para o sentimento de continuidade e de coerência de um indivíduo ou grupo. POLLAK, 1992, p.200-212.

21 Para as discussões relativas às categorias de cultura e memória históricas, usos políticos do passado e suas relações com o ensino de história, ver, entre outros: ROCHA; MAGALHÃES; GONTIJO, 2015.

ENTRE O BRASIL E PORTUGAL: AS VIAGENS DE VARELLA

As narrativas de “Terras da Nossa Terra”, portanto, estavam pautadas por um paradigma historicista, referindo-se a figuras de heróis, a eventos políticos e datas marcantes, assumindo uma concepção de tempo linear que evolui em direção ao progresso. Para Varella tradição e progresso não eram questões excludentes, contraditórias. Isso está expresso no próprio título da crônica que reproduzimos anteriormente (“Riomeão — as suas tradições e o seu progresso”). Se para ele a história era feita de sacrifícios heroicos, ela também apontava para o presente e para o futuro, que, nesse caso, mostravam-se ainda mais gloriosos, através da ação de Salazar, considerado o “novo herói”. Nesse sentido, além de utilizar o seu espaço no jornal e no rádio para divulgar essa cultura histórica própria do Estado Novo, mediando para seus leitores e ouvintes lições de história e geografia de Portugal, Correia Varella também atuou como um agente de propaganda do regime, defendendo-o de forma escancarada, e isso em um momento em que no Brasil já não existia mais Estado Novo.

Essa propaganda era feita tanto através de estratégias sutis, caracterizando, por exemplo, as freguesias de “progressistas”, elencando as melhorias realizadas pelo governo em diversas regiões do país, como também por meio de discursos mais diretos, como os que comparavam Salazar a heróis como o Infante D. Henrique, com os quais ele compartilharia virtudes como a coragem, a disciplina e o patriotismo. Tal como esses heróis do passado, Salazar estaria elevando o nome de Portugal perante o mundo no presente. Essa defesa do Estado Novo se tornava ainda mais evidente quando Varella viajava a Portugal, ocasião em que assumia uma espécie de papel de repórter, responsável por “documentar” esse suposto progresso vivido pelo país.

Gostaríamos de destacar aqui uma dessas viagens, realizada em agosto de 1947, tanto pela repercussão que ela teve no jornal *Voz de Portugal*, quanto pelos diversos textos que Varella produziu a partir dessa experiência. Nessa ocasião, uma delegação da *Voz de Portugal* de Lisboa ficou responsável por seguir os passos do jornalista, cobrindo

os eventos de que ele participava, fazendo entrevistas sobre as suas impressões de viagem, tudo devidamente publicado no jornal. Além de visitar Trás-os-Montes, sua terra de origem, e rever seu pai, Correia Varella participou de algumas excursões a outros Concelhos e de vários encontros formais. Entre eles, um dos mais importantes foi, sem dúvida, a visita que fez ao Presidente da República, o general Carmona, acompanhado do presidente da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro de Lisboa. Esse evento foi exaustivamente divulgado na *Voz de Portugal*, sendo que várias frases ditas por Carmona a Varella foram publicadas ao longo dos meses no topo da primeira página do jornal, como uma que dizia “Admiro cada vez mais a obra dos portugueses no Brasil”²²

A larga divulgação desse encontro e da pequena entrevista que Carmona concedeu a Varella tinha também por objetivo fazer propaganda do próprio jornal, dadas as palavras elogiosas que o estadista dirigiu à *Voz de Portugal*:

Leio constantemente as suas belas descrições na *Voz de Portugal*. Sou leitor assíduo, como é costume dizer-se. Fazem o favor de me enviar e é através da sua leitura que eu avalio e sinto o patriotismo dos portugueses do Brasil. É um belo jornal, muito bem orientado e muito bem feito que cumpre uma nobre, alta e patriótica missão jornalística, trabalhando pela união de todos os portugueses em torno da bandeira de Portugal e pelo bom nome e grandeza das duas pátrias lusíadas. Felicito-o e felicito os seus diretores e colaboradores.²³

Durante o tempo em que Correia Varella permaneceu em Portugal, sua coluna no jornal foi utilizada tanto para descrever as terras que ele visitara, apontando para as suas surpreendentes melhorias e transformações, com títulos como “Jornada pela terra transmontana”, “Na vila de Mafra”, “A visita a Mirandela”, “Em Miranda do Douro”, bem como para divulgar as cerimônias das quais participou, servindo também como

22 *Voz de Portugal*, 14 set.1947, p.1.

23 *Voz de Portugal*, 14 set. 1947, p.1.

uma autopromoção. Em um desses eventos, foi homenageado em um almoço oferecido pelo Secretariado Nacional de Informação (SNI),²⁴ antigo SPN, pelo seu próprio diretor, Antônio Ferro, o que deixa muito claro seu grau de comprometimento com o regime.

Em seu discurso, Antônio Ferro começou dizendo que “não é bom apenas ter brasileiros amigos dos portugueses e de Portugal, é bom, também, ter portugueses amigos dos seus compatriotas e da sua terra e Correia Varella o tem sido”.²⁵ Disse em seguida que conhecia as atividades jornalísticas de Varella há muito tempo e, referindo-se à *Voz de Portugal*, afirmou que o trabalho desenvolvido pelo periódico era altamente apreciado, não só pelo Secretariado, mas pelo próprio Governo e pelos meios jornalísticos e intelectuais. Assim, jamais se esqueceriam dos benefícios prestados ao país e aos portugueses que vivem no Brasil. Mencionou ainda o programa de Joaquim Pimentel, “esse artista que todos nós conhecemos e também estimamos, um dos melhores intérpretes da música popular portuguesa no Brasil e que, com a atuação de Correia Varella em ‘Terras da Nossa Terra’, muito tem feito pela propaganda do nosso país”.²⁶

Em sua fala de agradecimento, Correia Varella fez questão de destacar e agradecer pela “obra do ressurgimento português”:

[...] eu encontrei o meu país com uma nova fisionomia, com uma nova apresentação, com um aspecto diferente e permanentemente renovador, com uma alma e uma força novas, a impulsionar a grandeza dos seus destinos — fruto de uma obra a que não preciso aludir ou justificar com exemplos, pois ela está patente aos nossos olhos, na remodelação geral do país, e só não a vê quem não quer, só não a sente quem já não tiver alma para sentir. [...] este agradecimento eu o deixo também aqui a você, Antônio Ferro, porque a você e à obra que há tanto tempo vem

24 Criado em 1933, o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) passou a se chamar, a partir de 1945, Secretariado Nacional de Informação (SNI), dirigido por Antônio Ferro até 1949.

25 *Voz de Portugal*, 7 dez. 1947, p.1-2.

26 *Voz de Portugal*, 7 dez. 1947, p.1-2.

realizando à frente deste departamento, se deve, em boa parte, esse clima novo de Portugal, essa transformação que se observa por toda a parte, e muito do prestígio e do conceito que hoje temos no mundo pela sábia e patriótica orientação que tem sabido imprimir aos serviços a seu cargo, através dos quais a opinião universal toma conhecimento do que se está fazendo na nossa pátria, e adquire a certeza da sua grandeza e da sua eternidade.²⁷

Mesmo após o seu retorno ao Brasil, que se deu em dezembro de 1947, Varella continuou a utilizar a sua coluna por um bom tempo para falar sobre suas impressões de viagem, através de títulos como “Que pensa o povo português de Salazar”, “As notícias que trago de Portugal”, “Impressões de Portugal”, que serviam como propaganda para o Estado Novo português. Chegou inclusive a dizer que apesar de Salazar possuir alguns adversários no país, “todos fazem justiça à sua obra”, reconhecem que “Portugal lhe deve tudo”, principalmente “a situação privilegiada em que manteve o país durante a guerra e afastado dela”.²⁸ Em outro número do jornal ele afirma que enquanto na Europa “há falta de tudo”, as pessoas se debatem em busca de infelicidade e enganam-se umas às outras,

[...] há um país, naquele cantinho onde a terra acaba e o mar começa, onde se vive em paz e em sossego, e até com fartura; onde se respeita a liberdade de cada um, desde que essa liberdade não perturbe a dos outros nem perturbe os interesses da nação; onde se cuida do bem estar e da felicidade de todos; onde o progresso entrou e criou raízes e por lá anda percorrendo todas as terras de norte a sul. Esse cantinho é Portugal. É que, no meio de toda esta desorganização, de uma Europa desorientada que não sabe o que quer, para onde vai ou para onde a levam, surgiu um homem, que sabe o que quer, para onde vai e para onde nos leva. Creio que não é preciso dizer-vos o nome desse homem, mas quando vejo ou leio que se vai realizar mais uma reunião dos “três

²⁷ *Voz de Portugal*, 14 dez. 1947, p.1-2.

²⁸ *Voz de Portugal*, 21 dez. 1947, p.1.

grandes” fico-me a pensar comigo mesmo: QUE PENA QUE NÃO TOME PARTE O MAIOR DE TODOS OS GRANDES.²⁹

Essa propaganda tão direta do governo, essa visão tão parcial de Varella a respeito da realidade política e socioeconômica de Portugal, que fecha os olhos para as mazelas do país e silencia questões importantes do regime, como a censura, a violência, a falta de liberdade de expressão e os exílios forçados, teve consequências. Certamente, deve ter levado alguns portugueses no Brasil a criticarem abertamente o jornalista e o acusarem de ser financiado pelo governo de Salazar, lembrando que nessa época os regimes fascista na Itália e nazista na Alemanha já haviam sido derrotados e a oposição ao salazarismo no Brasil crescia de forma expressiva, contando, inclusive, com o apoio de parte da imprensa brasileira. Isso porque Correia Varella usa a sua coluna, em março de 1948, para negar que sua viagem a Portugal tenha sido custeada pelo governo, afirmando que a única ajuda financeira que recebera para rever sua terra e sua família fora dada pelo chefe da firma Tecidos Ferreira Sousa, o português Albano de Sousa Guize:

Devo declarar, a bem da verdade, que não recebi nem do Governo, nem de qualquer autoridade portuguesa, que é a mesma coisa, o menor auxílio, nem mesmo qualquer facilidade para esta visita à nossa terra. Não recebi, nem pedi e também ninguém me solicitou para que dissesse bem ou dissesse mal. A única recompensa que eu tive e, essa muito me satisfiz, foi a das carinhosas atenções que por toda a parte me foram dispensadas, tanto pelas autoridades oficiais a começar pelo chefe da Nação, como pela gente da nossa terra, de todas as terras da nossa terra. Sinto-me, portanto, à vontade para falar como falo, sem estar preso a qualquer interesse ou compromisso. Falo assim porque esta é a verdade e porque a verdade deve estar sempre acima de tudo. [...]. Enganam-se pois redondamente, aqueles que pensam que eu estou preso a qualquer

²⁹ *Voz de Portugal*, 14 mar. 1948, p.5.

favor do Estado Novo. Estou preso é à minha pátria e aos deveres que para com ela têm todos os portugueses.³⁰

Essa não foi a primeira vez que Varella recebeu críticas por manter-se sempre ao lado do poder, em troca de certos privilégios. E provavelmente não foi a última, já que ele continuou a usar o seu espaço no jornal *Voz de Portugal*, e na Rádio Vera Cruz, para promover o Estado Novo português e disseminar os valores que eram próprios do regime. Ao mesmo tempo, cada vez mais a sua coluna passou a exaltar a trajetória de alguns imigrantes portugueses no Brasil, principalmente de grandes comerciantes e industriais, que, talvez, possam ter se tornado investidores e anunciantes no jornal e/ou no programa de rádio, mas que Varella justificava como sendo grandes exemplos de “verdadeiros portugueses”, fazendo algo muito parecido com o que já havia apresentado na seção “Figuras Portuguesas”, na revista *Lusitania* (1929-1934). Ele chega a propor, inclusive, que seja criada uma nova coluna, intitulada “Gente da Nossa Terra”, uma vez que “não só a tradição e a história gloriosa de suas terras é que teriam feito Portugal grande, imortal”, mas também a ação de seus homens, pois “ainda hoje, quando já não há mais terras a conquistar nem a descobrir, essa glória continua pelas obras da nossa gente, gente também heroica, [...] na manutenção do prestígio, da grandeza de Portugal e do nome português”.³¹

Varella voltaria mais uma vez a Portugal em novembro de 1950, quando visitaria novamente o seu pai, que se encontrava doente, tendo falecido durante o período em que ele ainda estava por lá, o que ele atribuiu a “um desígnio e a uma graça da Divina Providência”.³² Nessa ocasião, ele também assistiria à representação das suas peças *O Outro André* e *Dois Maridos em Apuros*, no Teatro Trindade, em Lisboa, além de permanecer por alguns dias em Monfortinho, frequentando o Balneário da Fonte Santa, cujas águas eram consideradas medicinais. Essa

30 *Voz de Portugal*, 14 mar. 1948, p.5.

31 *Voz de Portugal*, 18 dez. 1949, p.7.

32 *Voz de Portugal*, 31 dez. 1950, p.7.

viagem, apesar de curta, cerca de um mês e meio, também lhe rendeu alguns números de sua coluna sobre suas impressões das terras portuguesas, em afirmações do tipo: “É uma espécie de culto que todos [...] dedicam a Salazar. Assim como se confia em Deus — seja o que Deus quiser porque só pode ser para bem — também se confia nele — seja o que ele quiser porque melhor do que ninguém pode fazer ou pensar!”³³ Ou quando descreve “as águas santas” de Monfortinho, tendo inclusive deixado registrado no Balneário, em formato de quadras, o seu agradecimento pelo tratamento realizado.

Monfortinho, terra antiga
Duma paisagem que encanta;
Dás saúde, és boa amiga,
Mais do que amiga, és santa.

Terra Bem-Aventurada
Como da Rainha, as rosas.
Tu és a santa pousada
Das curas maravilhosas.

Teus ares, belezas tantas,
Teus prados, tuas colinas
Dão águas que, mais que santas,
São águas também divinas.³⁴

A coluna “Terras da Nossa Terra” foi publicada até o número de 14 de junho de 1953, uma semana após a morte de Varella. Segundo a *Voz de Portugal*, o original do texto, que deveria ter sido lido no Programa Joaquim Pimentel, na tarde do domingo de sua morte, dia 7 de junho, foi deixado por ele, em rascunho, sobre sua mesa de trabalho. Os redatores do jornal alinhavaram então o seu texto, que falava sobre “A vila e

³³ *Voz de Portugal*, 31 dez. 1950, p.7.

³⁴ *Voz de Portugal*, 7 jan. 1951, p.7.

freguesia de S. João Batista das Areias”, e o publicaram como uma forma de homenagem. Por pelo menos sete anos, José Augusto Correia Varella fez de sua coluna no jornal e do seu programa na rádio a sua tribuna, transformando-os em vetores importantíssimos para o seu exercício de mediação cultural, valendo-se de sua condição de um intelectual entre “dois mundos”, português e brasileiro.

Pelas notas de pesar que saíram na imprensa carioca, incluindo vários periódicos brasileiros, seu falecimento parece ter sido uma surpresa para seus amigos e colegas de trabalho. Seu corpo foi velado no Centro Transmontano e, em seguida, enterrado no cemitério São Francisco Xavier. Estiveram presentes, segundo as notícias divulgadas pela imprensa, o Embaixador de Portugal, representantes do Consulado, o presidente da Federação das Associações Portuguesas, figuras representativas da colônia, presidentes de quase todas as associações portuguesas do Rio de Janeiro, teatrólogos e artistas brasileiros, numerosos jornalistas, representantes da SBAT e da ABI, associações de que era sócio, uma comissão do Centro Transmontano de São Paulo, dentre outros. De acordo com as fontes, mais de duzentas coroas de flores foram depositadas sobre o féretro, o que demonstra que ele ocupara de fato um lugar de importância dentro daquela sociedade.

No jornal *Voz de Portugal*, com o título “Tombou em plena luta!”, foi publicado um texto em homenagem a Correia Varella, seu redator, fazendo uma espécie de retrospectiva de sua trajetória de vida pessoal e profissional no Brasil, como é comum de acontecer nessas ocasiões. O autor, que não assina o texto, começa exaltando algumas de suas qualidades, como o seu caráter “diplomático”, “conciliador”, que foi fundamental para que ele pudesse se inserir em diversos grupos, dentro e fora da colônia. Diz ele: “Por onde passou, espalhou a concórdia, desfez desentendimentos, amenizou disputas, desanuviou ambientes e deixou amigos, que o admiravam e o estimavam como a um membro da família”.³⁵ Em seguida, começa a descrever as múltiplas facetas desse intelectual, começando pelo seu papel de comediógrafo:

³⁵ *Voz de Portugal*, 14 jun. 1953, p.3.

Autor teatral, Correia Varella era um mestre na comédia, que ele sabia dosar com sadio humorismo, com o jogo de situações habilmente exploradas e, não raro, no fundo da sua trama aparentemente feita para provocar o riso, havia a conceituação psicológica de problemas de ordem social.³⁶

Passa então a exaltar o seu trabalho como poeta, inclusive no campo do humorismo, afirmando que a quadra era a sua especialidade. “Nela sabia verter o caudal imenso de sua portuguesíssima sensibilidade de intérprete da alma popular da sua terra e deixou, nesse gênero, algumas verdadeiras joias poéticas”.³⁷ Aponta em seguida para a sua fundamental participação nas associações portuguesas, afirmando que “de um modo geral, todas as associações lhe devem serviços, desde as mais antigas, como o Gabinete Português de Leitura, [...] às mais novas, como a Casa dos Açores”.³⁸ E finaliza então essa espécie de obituário descrevendo e enaltecendo a sua longa atividade jornalística no Brasil:

Seu jornalismo foi sempre uma arma de idealismo construtivo. Foi sempre um soldado permanente na defesa das tradições portuguesas, da grandeza de Portugal, visionada do ângulo cívico, um paladino desassombrado da fraternidade entre os dois povos, da aproximação luso-brasileira. [...]. Foi, assim, um servidor fiel e apaixonado, aguerrido e sobranceiro, do mundo luso-brasileiro.³⁹

Esse homem de imprensa (editor, redator, radialista e escritor), que fora igualmente um homem de teatro (autor e ator), construiu assim no Brasil uma trajetória profissional de verdadeiro sucesso. Ainda que apartado da elite de Portugal e da sua política formal, embora em diálogo constante com ela, ele soube usar o seu capital cultural para se

36 *Voz de Portugal*, 14 jun. 1953, p.3.

37 *Voz de Portugal*, 14 jun. 1953, p.3.

38 *Voz de Portugal*, 14 jun. 1953, p.3.

39 *Voz de Portugal*, 14 jun. 1953, p.3.

tornar um protagonista no país. Revelando-se um exímio comunicador, atuou nas mais modernas mídias de sua época e falou para públicos distintos, atingindo portugueses e brasileiros. Tal como outros imigrantes que vieram com o sonho de “fazer a América”, José Augusto Correia Varella precisou ressignificar e reconstruir sua identidade ao longo dos quarentas anos que viveu no país, destacando-se em situações em que se colocava como um mediador cultural, valendo-se de sua boa inserção nas redes de sociabilidade intelectual bem como da ambiguidade de sua identidade luso-brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Pedagogias da saudade: a formação histórica de consciências e sensibilidades saudosistas. A vida e o trabalho do poeta e professor português António Corrêa d’Oliveira. In: *Revista História Hoje*, vol. 2, n. 4, p.149-174, 2013.
- BOSCARINO JUNIOR, Alberto. *Do Tejo ao Rio de Janeiro: uma história de fados*. Tese de Doutorado em Música. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2011.
- BOYM, Svetlana. *The Future of Nostalgia*. New York: Basic, 2001.
- CALABRE, Lia. *A era do rádio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CATROGA, Fernando. *Nação, Mito e Rito: Religião Civil e Comemoracionismo*. Fortaleza: NUDOC/Museu do Ceará, 2005.
- GOMES, Ângela de Castro. Cultura política e cultura histórica no estado Novo. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (org.). *Cultura Política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.289-327.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- JORGE, Sonia. *Mediações sonoras: o papel sociocultural e político do rádio em Ribeirão Preto (1937-1962)*. Tese de Doutorado. Franca: UNESP, 2012.
- LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- MATARAZZO, Thais (coord.). *Enciclopédia Fadista Luso-Brasileira*. São Paulo: Editora Matarazzo, 2017.

- PAULO, Heloisa. *Aqui também é Portugal: a colônia portuguesa do Brasil e o Salazarismo*. Coimbra: Quarteto, 2000.
- PINTO, Antonio Costa. Portugal contemporâneo: uma introdução. In: PINTO, Antonio Costa. (coord.). *Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Dom Quixote, 2004. p.11-50.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p.200-212, 1992.
- ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. (org.) *O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.
- SILVA, Giovane José da. Universidade do Ar: Jonathas Serrano e a formação dos professores de história pátria pelas ondas do rádio. In: GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. (org.) *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p.43-63.